

UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO CURSO DE PEDAGOGIA.

Virna Carneiro da Silva Nepomoceno¹
Ana Jovina Oliveira Vieira de Carvalho²

INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem possui intencionalidade no contexto da educação formal e organiza-se para que os educandos consigam assimilar os conhecimentos, desenvolver habilidades e demais atitudes de modo que possam formar-se pessoal e socialmente. Para tanto, é indispensável que tais ações educacionais tenham como base os aspectos afetivos, a partir destes faz-se possível instituir no âmbito escolar relações humanizadas, acolhedoras e respeitosas, as quais garantem aprendizagens significativas.

Nesse sentido, o presente trabalho buscar relatar as experiências vivenciadas durante o Componente Curricular de Pesquisa e Estágio Supervisionado III: Estágio nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola da rede pública do município de Barreiras-BA, portanto, objetiva-se evidenciar o papel da afetividade na interação entre professor-aluno e as ações pedagógicas promovidas na referida turma. Em vista disso, fundamentou-se nas abordagens de Mahoney e Almeida (2005), Arroyo (2001) e Lima e Pimenta (2006), que tratam, respectivamente, sobre a afetividade, a EJA e sobre a importância dos estágios nos cursos de licenciaturas.

Ademais, o presente estudo, realizado no Estágio Supervisionado desenvolveu-se mediante a observação participante e co-docência onde utilizou-se também, como instrumento de coleta de dados, a aplicação de um formulário elaborado via *Google*

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, virnanepomoceno@gmail.com;

² Professora orientadora: Mestre em Educação pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Docente da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, ajcarvalho@uneb.br.

Forms. Dessa maneira, este trabalho construiu-se a partir da pesquisa-ação, sendo um tipo de pesquisa de abordagem qualitativa, a qual envolve pesquisadores e participantes de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986).

Portanto, a partir de tais observações e atuações no referido Estágio Supervisionado evidenciou-se que a afetividade se constituía como a essência das práticas educacionais estabelecidas na turma observada, sendo o fator chave de garantia da permanência dos educandos na escola e da evolução da aprendizagem dos mesmos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Reconhece-se que grande parte dos saberes docentes são construídos durante a licenciatura, destaca-se aqueles apropriados nos componentes curriculares de estágios supervisionados, são nestas vivências que os licenciandos podem observar, dialogar e realizar as primeiras ações como futuros docentes. Dessa maneira, esses estágios curriculares estarão propiciando a aproximação do licenciando com seu campo de atuação, ou seja, serão nesses espaços que se constituirá a práxis docente (Lima; Pimenta, 2006).

Para além da formação profissional, as experiências nos estágios também influenciam consideravelmente na formação pessoal, pois é a partir de tais vivências que os sujeitos se reconstróem, conhecendo novas realidades e construindo outros conhecimentos. É com base nesta perspectiva que Carvalho (2008) compreende o estágio como um eixo articulador da formação docente bem como um território de construção da identidade de tais profissionais.

Com base nessa perspectiva, ressalta-se indispensabilidade desse licenciando em refletir sobre a práxis do professor em que se observa, considerando a implicações destas no processo de ensino e aprendizagem, bem como sobre sua atuação enquanto estagiário. Através dessa análise crítica que este futuro profissional da educação conseguirá perceber as necessidades, as problemáticas, potencialidades e os caminhos possíveis para a realização do seu fazer pedagógico.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EJA

As abordagens dos estudos na área da psicologia acerca do desenvolvimento humano contribuiriam significativamente para a área educacional ao viabilizar uma maior compressão sobre as possibilidades do ensino e da aprendizagem e a relações estabelecidas neste âmbito formativo. Dentre tais contribuições, destaca-se as discussões acerca da afetividade. Esta terminologia passa a ser abordada e integrada ao espaço escolar em épocas recentes, assim, atualmente, vem ganhando, maior atenção e destaque nas discussões referentes ao processo formal de educação.

Sob este viés, Mahoney e Almeida (2005), partindo da teoria walloniana, pontuam que a afetividade “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (Mahoney; Almeida, p. 19), de acordo com as autoras a afetividade engloba a emoção, o sentimento e a paixão, que apesar de serem distintos complementam-se mutuamente integrando um conjunto funcional do indivíduo. Diante disso, compartilha-se do pensamento de Leite (2012) ao considerar que a mediação pedagógica é também de natureza afetiva, pois pode-se produzir impactos afetivos positivos ou negativos nessa relação entre professor-aluno / ensino-aprendizagem.

Partindo desta perspectiva, entende-se que o educador possui um papel fundamental na mediação dos conhecimentos e construção dos saberes dos educandos, logo, torna-se indispensável que essas relações pedagógicas sejam embasadas nos aspectos da afetividade, pois, a partir dessas expressões afetuosas, ambos os sujeitos desse processo educacional conseguirão atribuir significado ao ensino e à aprendizagem, alcançando feitos positivos. Nessa direção Bezerra (2006) salienta que

[...] uma aprendizagem significativa é aquela que ajusta raciocínio, análise e imaginação com afetividade e emoção, onde o vínculo afetivo será um grande facilitador das atividades cognitivas e simbólicas, dimensão possibilitadora de uma racionalidade melhor definida e de um saber mais prazerosamente construído (Bezerra, 2006, p. 25).

Assim, ao estabelecer relações dialógicas em sala de aula, permitindo o equilíbrio entre o cognitivo e a afetividade, rompe-se com a visão histórica de que a presença dos afetos nos espaços formais revela a ausência da racionalidade e da autoridade, que são imprescindíveis na relação professor-aluno, e estabelece-se um espaço acolhedor de subjetividades.

Por conseguinte, ao pensar na EJA, deve-se considerar essa harmonia pois este segmento requer uma maior atenção e cuidado por parte de todos que dela fazem parte e são responsáveis, pois, a maioria do seu público discente é marcado por histórias de vidas que perpassam pelo fracasso, pela exclusão, pelo silenciamento e tantas outras formas de desumanização e, assim chegam à escola, com um acúmulo de problematizações.

Além disso, o sistema educacional também impulsiona para a existência de maiores obstáculos no percurso dos estudantes da EJA, tais impasses se estabelecem ao passo que se fecham turmas de EJA, que permanecem métodos de ensino que não contemplam a realidade dos alunos e, ainda, quando não há uma preocupação com a formação continuada dos docentes. Nesse sentido, compartilha-se do pensamento de Leite e Gazoli (2012) ao justificar que

Por conta dessa realidade, o aluno da EJA, ao tentar reatar o vínculo interrompido, não pode encontrar um ambiente escolar que continue produzindo impactos afetivos negativos; ao contrário, o ambiente de sala de aula deve ser planejado de forma a garantir todas as condições possíveis no sentido de que as experiências aí vivenciadas produzam impactos afetivos positivos, o que aumentará a chance de o aluno continuar o seu processo escolar (Leite; Gazoli, 2012, p. 84).

Por isso, esse espaço escolar deve promover a recuperação dessa humanidade, uma vez que, quando se tem o afeto como base das ações se é capaz de promover aprendizagens efetivas, para quem ensina e para quem aprende.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A turma observada durante o Estágio Supervisionado era formada por treze alunos que frequentavam as aulas assiduamente e possuíam idades diversas, variando entre 37 a 60 anos. Ainda, 38,5% do público da turma constituía-se por homens, enquanto 61,5% eram mulheres. Em sua maioria, cerca de 66,7%, residiam no mesmo bairro em que se encontra a escola.

Mediante as observações realizadas e as informações supracitadas, pode-se compreender que esta turma apresentava níveis de aprendizagem diferentes, uma parte dos alunos encontravam-se alfabetizados enquanto outros ainda estavam no processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabética. Maior parte destes educandos já haviam acessado o espaço escolar, porém, com as necessidades pessoais tiveram que abandoná-

lo, agora, com idade mais avançada retornaram aos estudos para que pudessem realizar o sonho de se alfabetizar e, assim, ter autonomia e encontrar melhores empregos.

Nesse ínterim, a presença de relações de afeto constituía-se enquanto um fator de grande relevância dentre os aspectos analisados. Através das interações entre a professora regente que atuava na turma e os alunos, conseguia-se construir uma aula mais humanizada e atrativa. Estes educandos chegavam à escola buscando não só os saberes formais, mas, também, buscavam acolhimento, uma escuta sincera que pudesse compreender suas questões pessoais. Estes anseios dos educandos eram contemplados com o trabalho desenvolvido pela docente que, em meio as discussões dos conteúdos, enfatizava-se cotidianamente a importância dos saberes e experiências individuais dos adultos e idosos presentes naquele espaço. Sobre isso, Crisóstomo (2010), com base nas teorias da área da psicologia, salienta a importância da afetividade nos vínculos estabelecidos entre professor-aluno e aluno-aluno enfatizando que

A relação entre a afetividade e a aprendizagem no âmbito da relação professor–aluno para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da inteligência emocional e para o processo de avaliação da aprendizagem torna-se relevante devido a afetividade ser um composto fundamental das relações interpessoais que também direcionam a vida na escola (Crisóstomo, 2010, p. 14).

Em vista disso, é indispensável que se desenvolva práticas pedagógicas pela via do afeto uma vez que o público da EJA é marcado por processos de marginalização e exclusão, uma vez que, segundo Arroyo (2001) falar dos educandos da EJA é “falar sobretudo, do jovem, adulto, trabalhador, pobre, negro, oprimido e excluído” (Arroyo, p.15). Assim, pode-se afirmar as ações de afeto instituídas na referida turma da EJA constituía-se como o ponto chave da aprendizagem, por esse caminho produzia-se um ambiente agradável em que todos eram ouvidos, acolhidos e respeitados em suas individualidades, onde o diálogo se fazia presente e que todos compartilham suas experiências e reflexões pessoais.

Diante disso, tendo em vista as diversas problemáticas que permeiam a EJA e reforçam os processos de exclusão dos alunos e de desmonte deste segmento, torna-se necessário repensar não só as abordagens metodológicas para este segmento (e todos os outros segmentos educacionais), mas, também a abordagem afetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o desenvolvimento do Estágio Supervisionado permitiu compreender que a atuação na EJA requer o entendimento dos anseios dos educandos, sendo também fundamental exercitar o acolhimento, mostrando-lhes que inserir-se no mundo letrado é um sonho alcançável. Portanto, entende-se que, é na garantia dessas relações de afetividade na prática educativa que se contribui significativamente para a fluidez da aquisição dos conhecimentos sistematizados e conseqüentemente para permanência desses alunos na escola.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Educação de Jovens e Adultos, Afetividade.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. A Educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. *Alfabetização e Cidadania*. São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, 001.
- BEZERRA, Ricardo José Lima. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. *Revista didática sistêmica*, 2006.
- CARVALHO, Ana Jovina Oliveira Vieira. O Estágio Nos Cursos De Formação De Professores: territórios, identidades e saberes da profissão. In: CARVALHO, Ana Jovina Oliveira Vieira de. **Estágio supervisionado e narrativas (Auto) biográficas: experiências de formação docente**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia. Pró-Reitoria de Pesquisa de Pós-Graduação – PPG. Departamento de Educação – DEDC/CAMPUS I - Salvador, 2008.
- CRISÓSTOMO, Elayne Lins. **Afetividade e suas implicações no processo de ensino aprendizagem**. 2010.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade nas práticas pedagógicas. *Temas em Psicologia*, vol. 20, n° 2, p. 355-368, 2012,
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva; GAZOLI, Daniela Gobbo Donadon. Afetividade no processo de alfabetização de jovens e adultos. *EJA em Debate*, Florianópolis, vol. 1, n. 1. nov. 2012.
- LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido; Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poésis*, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; DE ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação*, São Paulo, p. 11-30, 2005.
- THIOLLENT Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, autores associados, 1986.